



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Humanas e Sociais
Licenciatura em Pedagogia

Luciana Carla Araujo Maciel

**A questão de gênero não é só o feminino:
Uma visão masculina sobre dança e educação**

**Rio de Janeiro
dezembro de 2011**

Luciana Carla Araujo Maciel

**A questão de gênero não é só o feminino:
Uma visão masculina sobre dança e educação**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia, Escola de Educação do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito para a obtenção do grau de Pedagogo, orientada pela Profa. Dra. Tânia Mara Tavares da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Mara Tavares da Silva

RIO DE JANEIRO
dezembro de 2011

Agradecimentos

À Profa. Tânia Mara, pelo convite e por me ajudar a crescer como profissional, me orientando neste trabalho monográfico sempre com muito carinho e dedicação.

Aos professores e funcionários da UNIRIO por me ajudarem durante todo o meu processo e a me tornar quem sou hoje.

Aos meus avós, por me acolherem como filha durante este longo período.

À minha mãe e minhas irmãs, por todo incentivo, ajuda e compreensão e não só durante a minha formação como a todos os aspectos da minha vida. Dando-me dicas inclusive, em vários trabalhos da faculdade.

Aos meus amigos e amigas que sempre me apoiaram, me deram força, aos que me ajudaram na minha formação, com sugestões e dicas valiosas durante este importante período da minha vida. (Tiago, Isabella, Vanessa, Lucilene, Letícia, Jonilson, Gabriel, Vanderson, Jessica, Marcelo, Sueli, Eduardo, Severina...)

À Teresa Barbosa – uma amiga muito especial que marcou minha passagem pela faculdade – por acreditar em mim e saber que eu conseguiria antes mesmo que me desse conta disso.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo principal analisar a relação entre dança e educação tomando como base entrevistas realizadas com profissionais masculinos da área da dança. Assim, tentamos dar outro foco para a questão de gênero que geralmente analisa o universo feminino. A escolha do tema deu-se através do meu interesse pela dança de forma conjunta com algumas abordagens e interfaces com temas tratados durante o curso de Pedagogia em disciplinas que focaram a arte e o corpo. Acreditamos que a arte, seja em qualquer de suas modalidades é vital para o sujeito educador e educando e não deve ser vista apenas como lazer na medida em que alia subjetividade, técnica e disciplina valores fundamentais para qualquer indivíduo.

Palavras-chave: Educação, Dança, Gênero.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I - A importância do corpo, de movimentar-se e de dançar.	8
1.1 - O Corpo e movimento	8
1.2 - A dança	11
CAPÍTULO II - A questão do gênero e os professores de dança ou o desafio a idéia da dança como uma arte feminina	14
2.1 - Gênero	15
2.1.1 - Sexo X Gênero	15
2.1.2 - A história do Gênero	16
2.1.3 - O gênero masculino (na dança – atualmente)	17
2.2 - As entrevistas	19
CAPÍTULO III - As análises das entrevistas e a ligação com a educação.....	32
3.1 - As análises das entrevistas	32
3.1.1 - Sobre a importância de dançar.	32
3.1.2 - Sobre Gênero.	33
3.1.3 - Sobre o profissional.	34
3.2 - A relação com a educação	35
3.2.1 - Sobre a importância de dançar	p. 35
3.2.2 - Sobre o Gênero	p. 36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

Introdução

A escolha de um tema para realizar a monografia não é fácil. Mas foi meu interesse pela dança¹ que orientou a opção em trabalhar o tema relacionando-o com a educação. No espectro mais amplo do tema, o interesse foi o de saber como os professores de dança vêem a questão da dança e sua importância para a educação. A escolha por entrevistar professores (e não professoras de dança) não se deu ao acaso, já que gostaria de analisar qual é a visão masculina em um campo profissional que é hegemonicamente feminino.

Portanto, o presente trabalho irá discutir como os professores de dança vêem a importância da dança para a educação. Para isso, nos valem como metodologia prévia a realização de algumas entrevistas a partir das quais tentamos: recuperar o caminho que os levou a se tornar professores de dança; qual o significado para ele de ser professor de dança; e estabelecendo o diálogo com a educação questionamos qual seria, a importância da dança para a educação e para a formação do aluno, isto é, quais os valores a dança agrega ao âmbito do educar.

Também foi necessário incorporar o debate sobre a questão de gênero que parece estar subsumida na problemática do feminino pensado na sua relação com o universo masculino. A tentativa é, pois, tomar o universo do masculino dado que ele pouco explorado na literatura sobre gênero. O interessante no que se refere ao universo da dança, é que os bailarinos descreveram e descreveram sua visão do dançar de forma mais abrangente do que as mulheres. Será que isto expressa também que quando se trata de racionalizar uma arte os homens são vozes hegemônicas? Bom, esta é uma pergunta que vai ficar em aberto dado o limite deste trabalho.

E a relação dança e educação?

Na escola, a dança é trabalhada como acessório ou lazer. Destacamos que a prática da dança quase sempre está centrada na disciplina de Educação Física cujos professores, em sua maioria, optam por trabalhar danças folclóricas. Assim, os professores de dança são incorporados em outros espaços que são as Escolas de Dança.

¹ Vendo a dança como uma questão interior, que liga mente ao corpo, nos tornando uno.

Uma hipótese possível é que a dança ao criar seu âmbito próprio de formação (as Universidades ou Escolas Renomadas) e até mesmo um sindicato próprio, fechou as portas para o diálogo com a educação e a formação no âmbito escolar.

Estas são problemáticas que embora não possam ser respondidas pela pesquisa realizada creio ser necessário o registro, para quem sabe, no futuro possamos explorar estes pontos que deixamos em aberto.

A monografia está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo abordaremos a importância da dança como forma universal de comunicação do ser humano. No segundo capítulo faremos uma pequena introdução sobre a temática do gênero e apresentamos as entrevistas feitas com os professores de dança. No terceiro capítulo iremos focar mais propriamente a educação relacionando-a com as entrevistas e os temas abordados anteriormente. Nas considerações finais iremos apresentar apenas algumas possibilidades que a dança poderia e pode ampliar no que se refere ao ato de educar entendido como formação total do ser humano.

Capítulo I - A importância do corpo, de movimentar-se e de dançar.

Em nossa sociedade, vemos o corpo e a mente como soma de duas partes e não como um todo. Como afirma Tiriba, “O divórcio entre corpo e mente é paradigmático: atravessa toda sociedade e, conseqüentemente, as instituições educacionais em todos os seus segmentos”. (TIRIBA, 2008, p. 48).

É fundamental que a mente e o corpo sejam entendidas de forma inseparável para que haja autoconhecimento. A partir disso, sujeitos sentem-se melhores como seres humanos e modificam o modo de relacionar-se e interagir com os outros e as coisas. Através da união do corpo, mente e movimento, fica nítida nossa consciência corporal como um todo. Através da arte, é onde fica mais clara essa união, pois nela, quando há o movimento, há a ligação de todo o nosso ser.

A arte abarca um espectro muito amplo de atividades e a dança é uma de suas expressões. Para aqueles que se dedicam a dança ela torna-se mais do que uma habilidade ou técnica e sim um modo de ver e estar no mundo. Seguimos, neste sentido as idéias de Garaudy que afirma: “É que a dança não é apenas uma arte, mas um modo de viver” (GARAUDY, 1973, p. 13) e completa, “A dança é então um modo total de viver o mundo: é um só tempo, conhecimento, arte e religião.” (op. cit, p. 16). A dança é muito importante para o ser humano, pelos benefícios que traz à vida de cada um. É necessário que cada sujeito tenha um maior contato consigo mesmo desde sempre.

Tendo as idéias acima como pano de fundo, podemos refletir um pouco mais sobre a importância de movimentar-se, como meio para que cada sujeito se conheça e fique mais clara essa união de corpo e mente. Há algumas formas de movimentar-se, ficando mais notável assim, essa junção. “A dança é uma das raras atividades humanas em que o homem se encontra totalmente engajado: corpo, espírito e coração.” (GARAUDY, 1973, p. 9).

1.1 - O Corpo e movimento

Ao refletirmos sobre as seguintes questões: “o que é corpo” e “o que é mente”, é possível reparar que a maioria (se não todas) das respostas a cada uma das questões apontaria para as diferenças existentes entre corpo e mente.

Acontece que o atual sistema dominante parece haver uma maior valorização da mente, da competição, da racionalidade. Nesta sociedade o corpo é visto apenas como uma

estrutura física responsável por funcionalidades exteriores à mente ou ao 'espírito', ou seja, o corpo é uma construção; é “algo produzido pela cultura” (GOELLNER, 2010, p. 28). Comparando com algumas outras culturas, veremos que não há separação entre a mente e o corpo. “(...) o jeito de ser do nosso corpo não é algo que possuímos “naturalmente”, não é apenas uma construção social e política: é algo aprendido, construído ao longo de toda a vida. Portanto, a história e a cultura significam nossos corpos”. (TIRIBA APUD PENA, BÓGEA E BORGES, 2008, p. 32). Podemos perceber claramente diante da diferença cultural das sociedades e da forma que cada uma valoriza seu corpo como um todo.

Segundo Pena; Bógea e Borges (2008), historicamente, uma das formas que o Poder encontrou para controlar e moldar seus cidadãos de acordo com seus objetivos foi controlando o seu corpo. Assim, através da disciplina, os cidadãos teriam também obediência. Sabemos que o corpo é cultuado, modelado e transformado de acordo com a sociedade em que se insere. Em nossa sociedade, o controle do corpo se dá através da separação entre o *corpo* e a *mente* e, assim, valoriza-se o corpo impondo valores como a estética e a alimentação. Podemos ter exemplo de todos os tipos:

- Do controle: Na escola, a disposição das carteiras em sala sugere que os alunos limitem seus movimentos para seguirem a ordem imposta, caso contrário, a movimentação excessiva é vista como bagunça;
- Da estética: Cada vez mais as pessoas valorizam as academias de ginástica e produtos de beleza, através de influências midiáticas - uma das formas de controle;
- Da alimentação: Há muitas propagandas sobre alimentos que podem ser preocupantes para o nosso organismo, trazendo assim, problemas à nossa saúde.

Se continuar com corpos sendo controlados ou vendo-os apenas como suporte, beleza e etc.; não há como conhecer a si próprio, e por isso (pela falta de conhecimento) resultará em adultos reprimidos. Por isso é muito importante que as pessoas façam essa análise e quanto antes melhor.

Segundo Robim (1998). Hoje em dia, vivenciando uma cultura onde tudo é corrido e em um ritmo muito acelerado, é necessário parar por algum tempo para prestar atenção e cuidar do nosso ser. E para ter um maior contato, devem-se levar em consideração duas coisas:

- Se auto observar, através de questionamentos e reflexões sobre o que se pensa em cada momento, qual a nossa sensação (física) e qual o nosso sentimento (emocional);

- Se movimentar, pois o movimento não pode ser visto apenas como exercício. Com o movimento é mais evidente a ligação entre o corpo e a mente e conseqüentemente, uma fácil percepção do ser. É importante para todos.

Sendo assim cidadãos autônomos, independentes, que possam conhecer descobrir, explorar, entender a si, aos próximos e as coisas. É necessário que haja o estágio de mexer, descobrir, tocar, experimentar, inventar, se movimentar. Seria bom que isso ocorresse desde a infância de cada indivíduo, porém nunca é tarde. Portanto, a partir da auto observação e da percepção de si, é necessário trabalhar os problemas individuais. Para superá-los, é importante para que eles não interfiram mais no indivíduo de maneira negativa. Pois o não conhecimento traz frustração não só para o lado pessoal, bem como para o lado social, e por isso, acaba por prejudicar a família, amigos, trabalho, etc.

Até aqui foi mostrado a importância de se ter um contato maior consigo e as formas para tal. E, assim como há formas de cada um se ajudar, há também a possibilidade de afastamento. Para Robim (1998), e para que essa possibilidade aconteça, é necessário ser sinceros conosco, inclusive em relação aos nossos sentimentos. Há uma imposição de como se deve estar, de acordo com o que cada um vive. Aprende-se que os sentimentos são “feios”, “bonitos”, “errados” e incorporamos tal forma. Ignorando o que realmente se sente para sentir o que achamos que deveríamos estar sentindo. É necessário que haja reflexão e observação de cada ser humano para que cada um possa conhecer os diversos sentimentos que realmente possuem dentro de si ao mesmo tempo, ao invés de eleger apenas um como o verdadeiro e único, sabe-se que existem vários sentimentos, porém em nossa sociedade é como se pudesse apenas sentir um em determinada situação.

Há vários sentimentos dentro de cada pessoa ao mesmo tempo diante cada situação, e não apenas um. A partir do momento em que um sujeito passa a se conhecer melhor e a identificar seus problemas, passa a observar como melhorar em relação a isso, havendo assim, uma melhor compreensão de si, e conseqüentemente, melhora sua interação consigo e com todos.

1.2 - A dança.

Levando em consideração o que foi dito anteriormente – de que a arte é a melhor maneira na qual cada pessoa pode usufruir para se conhecer por inteiro, com a junção do corpo com a mente. Nas palavras de Garaudy,

Não apenas ela nos mostra a unidade de todo o movimento do corpo com um movimento psíquico, ou, melhor ainda, que o físico e o espiritual não são dois domínios separados, mas dois aspectos de uma mesma realidade, como, sobretudo, revela-nos esta verdade maior: a arte é o caminho mais curto entre dois homens. (GARAUDY, 1973, p. 21)

Ou seja, será cada um no seu completo ser, em ligação com o outro que também está no seu maior completo ser. Portanto, complementando a idéia do autor de que a arte não é só o caminho mais curto entre dois homens, é também o melhor caminho entre eles, já que cada um estará assim mais perto de um ser integral / perfeito, através da realização pessoal de cada um.

A história da dança é imemorial. Ainda segundo Garaudy,

A dança nasceu no começo de todas as coisas; veio à luz ao mesmo tempo que Eros, pois essa dança primordial aparece no coro das constelações, no movimentos dos planetas e das estrelas, nas rondas e evoluções que traçam no céu e em sua ordem harmônica. (GARAUDY, 1973, p. 16)

A história da dança mostra que os nossos ancestrais dançavam para tudo: para a chuva, o sol, o casamento, o acasalamento, o nascimento, a morte, etc.

Segundo vários estudos, a dança é tão antiga como a própria vida humana, nasceu da expressão das emoções primitivas, nas manifestações e nas comunhões místicas entre homens com a natureza. O homem que ainda não falava, utilizava das expressões corporais para expressar suas emoções e esta por sua vez se fazia presente em vários rituais místicos e acontecimentos de sua vida, desde a Idade da Pedra, representando o amor, a luta, a morte, ou como modo de pedir algo ou de agradecer aos deuses. (CAPRI, 2009)²

A dança era uma expressão que celebrava os acontecimentos da vida em várias sociedades, épocas e com múltiplos significados. Sempre houve a relação do homem com a dança. Era a forma de o indivíduo ou o grupo mostrar seu poder, expressar seus sentimentos, desejos e de se sentir realizado. “Tudo o que é já foi dançado, tudo o que foi já se dançou e, talvez, sem percebê-lo, tudo o que há de ser já o dançamos”. (OSSONA, 1988, p. 41)

² Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd136/rompendo-as-barreiras-do-genero-masculino.htm>, último acesso em 13/12/11

Para Garaudy (1973), com o tempo passando e com a ênfase do cristianismo; a Igreja viu as coisas carnavais como pecado, como por exemplo, o sexo e as artes. A dança, por ser incluída nas artes, é vista como uma coisa profana, e é “proibida”; os que ignoravam e continuavam a dançar, eram considerados “pagãos” para a Igreja Católica e para os demais da sociedade que a seguiam. Mais tarde, quando surge o Renascimento, houve uma nova atitude em relação ao dualismo cristão, coisas antes proibidas são questionadas, e valores como corpo volta a florescer, e conseqüentemente, a dança.

Porém, a dança “volta” com diferentes objetivos. Começam a dar mais atenção à técnica, passos, equilíbrio, disciplina, beleza, coreografia; ao invés da vida, emoções e expressão. “A dança, no início do século XX, tinha se transformado numa arte decorativa, desumanizada como uma rainha fútil e bonita, embalsamada no caixão de vidro.” (GARAUDY, 1973, pg. 41). Em nossa sociedade individualista, é necessário que haja uma finalidade para que volte a dança a ser centrada a si e não continue sendo essa forma, como se fosse uma recreação ou luxo. (Garaudy, 1973). As formas de dança são expressas pelos bailarinos nos espetáculos de dança, porém há bailarino que só o faz por comercialização. Pois, a dança tem sido vista também como produto comerciável: (falando do bailarino), “preferindo ao aplauso imediato ao sentimento interior de realização” (OSSONA, 1988 p. 9). É claro que a autora não invalida a dança como espetáculo, mas o que quer afirmar é que ela pode estar ao alcance e interiorizada por todos. Poucos serão aqueles que irão ser destaque, mas não podemos retirar a possibilidade do dançar apenas como forma de expressão e desenvolvimento de um corpo menos reprimido e mais leve.

Isadora Duncan (1986) afirmava que para dançar é apenas preciso escutar a música com a alma. Ela vai despertar um novo ser em você que o fará movimentar os braços e levantar a cabeça. É deste despertar que pode ser construída a história de um ou uma grande bailarina ou de alguém que pode dançar sem inibição. E acrescentamos se não houver o primeiro passo o caminho estará fechado. Neste sentido, ela não é apenas lazer e acessório é vital como uma das formas de expressão do ser humano assim como a escrita e oralidade. “A dança deve implantar em nossas vidas uma harmonia que cintila e pulsa. Ver a dança apenas como uma diversão agradável e frívola é desagradá-la.” (OSSONA, 1988 p. 9). Tem que haver expressão corporal na dança, sempre.

A dança traz muitos benefícios, e é importante porque expressa sentimentos. Através dela não separamos corpo, mente e alma. É um meio de para a completude, pois “Todo ser vivente manifesta-se no movimento” (OSSONA, 1988 p. 25). Durante a dança, as pessoas se sentem completas, sentem que atingem seu auge, sentem-se completos e perfeitos e não há

nada que possa fazer nos sentir mal naquele momento. É sentir a “presença do espírito na carne” (GARAUDY, 1973, p. 24).

A dança embora tenha nascido da imitação tem algo de singular. De acordo com Ossoona,

Na história da dança, o movimento imitativo é de enorme importância, pois a primeira dança organizada do homem originou-se na magia imitativa e teve por modelo a própria natureza. (...) Mais tarde a dança passará de imitação direta ao simbolismo abstrato.” (OSSONA, 1988, p. 36).

Para Garaudy (1973), a dança atualmente está em contraposição à mímica, dado que esta última serve para descrever algo já existente e a dança mostra o que não pode ser dito, apenas sentido. Não conta algo já existente, mesmo que conte uma história, a cada apresentação é demonstrada de forma diferente, porque não há como ser exatamente igual, a cada apresentação é uma experiência diferente que o dançarino está sentindo e passando e é cada aprendizado diferente para quem está assistindo. “Por isso é que posso assistir vinte vezes ao *Lago dos cisnes* e as vinte montagens serão completamente diferentes, apesar da mesma coreografia.” (VIANNA, 2005, p. 34). Em suma, não há como explicar em palavras a dança. O que podemos fazer é entender um pouco mais sobre sua história e inserção cultural através da voz dos bailarinos que talvez escrevam para nos chamar a atenção sobre a importância deste fazer com o corpo, que nos distancia do mundo do trabalho e das rotinas cotidianas.

Assim, em uma sociedade capitalista, na qual é valorizada a razão e a competitividade (e sabemos que a dança profissional não foge a estes aspectos), temos que pensar em outras formas de nos integrar para além do mundo do trabalho.

Ainda de acordo com Ossoona,

A dança viria, pois, trazer uma compensação física no sentido de movimento de todo o corpo, fornecendo a possibilidade de descarga de tensões; do ponto de vista social, unir um grupo de indivíduos que num mesmo momento se dedicam de forma total a essa atividade redescobre a beleza do movimento e dá livre expansão ao vôo lírico, permitindo uma atividade talvez fisicamente esgotadora, mas animicamente refrescante, que não persegue finalidades utilitárias no material, nem competitivas na relação dos seres. Por isso, amemos a dança, por isso devemos dançar. (OSSONA, 1988, p. 40).

No próximo capítulo vamos nos deter em outro foco da monografia, isto é, a questão de gênero, e também dar voz aos professores bailarinos: sua história e o que pensam sobre a importância da dança para a educação e formação dos indivíduos.

Capítulo II - A questão do gênero e os professores de dança ou o desafio a idéia da dança como uma arte feminina.

Dentro de cada sociedade há uma cultura, que é construída historicamente. Uma das visões de nossa sociedade é a de que existe e a de tentar alcançar o modelo do ser humano “perfeito”, que é “o homem branco ocidental, heterossexual e de classe média” (LOURO, 2010, p. 42), ou, como diz Meyer “a masculinidade branca, heterossexual, de classe média e judaico-cristã” (MEYER, 2010, p. 24). As pessoas que atingissem essas classificações ditadas pelo poder, através da história, tornavam-se o centro³, isto é, uma posição central⁴, que deveria ser seguida e com isto, ocorria a exclusão dos excêntricos⁵, ou seja, todas as outras pessoas que não se encaixavam nesse perfil. Para Louro (2010), como as mulheres, os negros, os homossexuais e bissexuais; e, complementando, para os não-cristãos, eram discriminados ou havia o preconceito⁶.

De acordo com a “classificação” em relação ao centro, era determinado o lugar do ser humano na sociedade. Há

algumas teorias que, utilizando-se do discurso científico, analisaram os indivíduos a partir de suas características biológicas, ou seja, da forma e da aparência do corpo. Não apenas os analisaram, mas lhes conferiram diferentes lugares sociais. O tamanho do cérebro, por exemplo, poderia justificar o nível de inteligência dos sujeitos; a aparência do rosto (cor da pele e dos cabelos) passou a ser um dos elementos a identificar a aptidão de alguns para o trabalho manual; as feições (traços do rosto), o tamanho das mãos ou do crânio poderia classificar os comportamentos e identificar os loucos, criminosos, tarados e agitadores políticos. Essas classificações colaboram para que diferentes hierarquizações se estruturassem entre os humanos. Por vezes, os negros e/ou as mulheres foram considerados inferiores exclusivamente porque seus corpos apresentavam algumas características biológicas nomeadas por essa mesma ciência como inferiores, incompletas ou díspares. (GOELLNER, 2010, p. 33-34)

As minorias que foram discriminadas, que sofreram por estarem longe do que “deveriam” estar, se organizaram (cada grupo separadamente, como negros, homossexuais, mulheres, etc.) e tem sua história de reconhecimento e conquista de lugar e respeito na sociedade para que não haja mais discriminação contra elas Ou o que os grupos querem, é que

³ Ao conceito de centro vinculam-se, freqüentemente, noções de universalidade, de unidade e de estabilidade. (LOURO, 2010, p. 44).

⁴ A posição central é considerada a posição não-problemática; todas as outras posições-de-sujeito estão de algum modo ligadas – e subordinadas – a ela. (LOURO, 2010, p. 44).

⁵ Conforme registra o dicionário, excêntrico é aquele ou aquilo que esta fora do centro; é o extravagante, o esquisito; é, também, o que tem um centro diferente, um outro centro. (LOURO 2010, p. 41).

⁶ Segundo o dicionário Aurélio (2007); 2. suspeita, intolerância, aversão a outras raças, credos, religiões, etc.

as pessoas entendam que não se deve ter um modelo a seguir, que todos são iguais. No entanto, apesar de terem conseguido esse espaço, ainda hoje há pessoas que o discriminam. Mas,

Para alguns grupos culturais, ser excêntrico significa abandonar qualquer referência à posição central. Não se trata de, simplesmente, se opor ao centro e, menos ainda, de aspirar a ser reconhecido por ele. Esses sujeitos não buscam ser "integrados", "aceitos", ou "enquadrados"; o que desejam é romper com uma lógica que, a favor ou contra, continua se remetendo, sempre, à identidade central. (LOURO, 2010, p. 49).

Este trabalho, foca indivíduos de nossa sociedade que ocupam lugares ainda pouco valorizados. No que se refere a questão de gênero, os professores bailarinos serão vistos como uma janela para entendermos que a dança ainda é uma prática marcada pelo gênero feminino. Para entender melhor a questão foi necessário nos debruçar sobre a literatura que trata o tema e é o que apresentaremos a seguir.

2.1 - Gênero

2.1.1 - Sexo X Gênero

É necessário grifar a diferença entre sexo e gênero. O sexo⁷ é a diferença biológica dos seres, isto é, no mundo biológico podemos ter o macho e a fêmea. Já a ideia de gênero amplia a dicotomia entre: macho e fêmea; homem e mulher; masculino e feminino, pois é a cultura que transformará o biológico em algo social e simbolicamente reconhecido. Como afirma Meyer, as "diferenças e desigualdades entre homens e mulheres eram social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas". (MEYER, 2010, p. 15). Ou seja, era necessário um termo diferente de "sexo" para definir essa inserção política, histórica, social e cultural no ser humano. Portanto, o termo *gênero*, diferente do termo *sexo*, não é um conceito natural. Ele foi construído historicamente, através da cultura da nossa sociedade que discriminavam as mulheres, e conseqüentemente, com a política, como será mais detalhado no decorrer do trabalho. Mas foi necessária a existência desta categoria, pois o *sexo* e sua definição não seriam satisfatórios para explicar o papel do homem e da mulher na sociedade influenciados pela cultura e construção social. (Castillo, 2006).

⁷ Segundo o dicionário Aurélio (2007); 1. O conjunto das características que distinguem os seres vivos, com relação a sua função reprodutora.

Realmente, os homens e mulheres são diferentes biologicamente e de acordo com as particularidades que a sociedade impõe em cada um dos sexos, e a partir de sua influência, virando assim gênero. Mas isso não significa que um grupo pode discriminar o outro ou tratar de maneira desigual. Há de haver um reconhecimento, respeito e uma boa interação entre os grupos. (Castillo, 2006).

2.1.2 - A história do Gênero

Em relação à história do gênero em nossa sociedade, podemos dizer que havia uma desigualdade social muito grande entre homens e mulheres; essa desigualdade aumentava conforme o padrão da mulher (se ela fosse de outra etnia, se tivesse uma classe social menor, etc.). (Castillo, 2006).

A partir disso, um grupo de mulheres - feministas⁸ - passa a questionar

os modos pelos quais características femininas e masculinas são representadas como mais ou menos valorizadas, as formas pelas quais se reconhece e se distingue feminino de masculino, aquilo que se torna possível pensar e dizer sobre mulheres e homens que vai constituir, efetivamente, o que passa a ser definido e vivido como masculinidade e feminilidade, em uma dada cultura, em um determinado momento histórico. Um grupo de estudiosas anglo-saxãs começaria a utilizar, então, ao termo *gender*, traduzido para o português como gênero, a partir do início da década de 70. (MEYER, 2010, p. 14).

A partir do movimento feminista, as mulheres foram conquistando espaço; colocou-se em circulação o termo gênero para representar não a diferença de homem e mulher e sim, as diferenças conformadas pela construção social. Ou seja, a mulher construiu um espaço e uma visão para que todos a vejam como ser humano com direitos iguais aos dos homens. Porém, ainda hoje há uma subordinação da mulher em muitos lugares. Apesar de todo reconhecimento, da luta por um termo, por igualdade, ainda existem muitos lugares onde a mulher é discriminada, há de haver uma modificação política e social para que as mulheres que ainda não conquistaram seu espaço, ou os homens que ainda não a reconhecem como igual mudem isso. Parece inaceitável, em pleno século 21 a mulher ainda ser subordinada, mas isso acontece.

Para finalizar esta parte gostaríamos de reiterar que ao buscarmos textos sobre gênero, percebemos que neles a mulher é sempre o foco. Talvez a marca do feminismo tenha deixado

⁸ Segundo o dicionário Aurélio (2007); 4. movimento favorável à equiparação dos direitos civis e políticos da mulher aos do homem.

o lastro da negação do homem como indivíduo marcado pela questão do gênero e acreditamos que a dança e os bailarinos expressam uma pequena fresta para podermos ampliar o debate. Como afirma Badinter (2005) as mulheres vitimizadas se constituem o centro da questão já que tratam o homem como ser que as dominam. Voltaremos a este ponto nas considerações finais.

2.1.3 - O gênero masculino (na dança – atualmente)

A divisão sexual do trabalho foi dada diante dessa determinação de papéis sexuais na sociedade. A mulher, vista como frágil, devido aos órgãos reprodutivos, ao corpo, tinha algumas determinações diferente das dos homens, visto como forte, o “caçador” (GOELLNER, 2010). Então, as mulheres tinham distinções diferentes das dos homens, como cuidar da casa, dos filhos, etc. Em relação a esse ambiente de trabalho, acreditavam-se em duas esferas: 1) Pública – trabalhar fora de casa; ou esfera masculina. Por exemplo, se fosse mulher trabalhando, ganhava menos na mesma função. 2) Privada – esfera doméstica, trabalhar dentro de casa; ou esfera feminina. É uma raridade ver um homem cuidando da casa, por exemplo. Independente do contexto acreditava-se que nasceram assim e tinha que seguir isso, a mulher era submetida ao homem e isso era uma coisa natural. Para Castillo “A desigualdade era e ainda é justificada, por setores conservadores religiosos, científico e político, pela diferença biológica entre homens e mulheres. Muitos crêem que as diferenças são essenciais, naturais e inevitáveis.” (CASTILLO, 2006).⁹

Existem vários tipos de dança. Em nossa sociedade, há os tipos de dança com a presença hegemônica das mulheres (maioria dos tipos de dança) e os tipos de dança em que prevalece a figura masculina. Em nossa sociedade, é muito mais fácil encontrar tipos de dança feminina como, por exemplo, o balé clássico dentre outras, do que aquelas em que se sobressaem as figuras masculinas. Exemplo do segundo caso é o *HIP HOP* e o *Street Dance* que apresentam como hegemonia a presença masculina.

No entanto, o mundo da dança segue hoje um dos valores mais enaltecidos na nossa sociedade, isto é, a igualdade entre homens e mulheres. Assim, como exemplo de quebra de padrão, existe um grupo de Hip Hop que fica em Pedra de Guaratiba que sua maioria é composta por mulheres - 70% (ALVES; MORAES, 2009). Neste grupo, em que, no início, a maioria era homem, foi incentivado a entrada do sexo feminino para compor o grupo fazendo

⁹ Disponível em <http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php?page=Gênero> , último acesso em 13/12/11.

“par” na dança. Foi tão estimulado que hoje há mais mulheres do que homens. Isso mostra que, apesar de existir o preconceito de que deve haver mais homens do que mulheres nesse tipo de dança, assim como mais ou só mulheres em outro tipo, é quebrado. Um grupo mostra que esta singularidade pode sobreviver em nossa sociedade preconceituosa, e para além, como quebrar a existência desse tipo de paradigma

A escolha pelo hip hop como um estilo de vida demonstrou que as mulheres utilizaram seus corpos como agenciadores de si próprios, agiram socialmente a partir da verberação da diferença e se inseriram em uma rede social, o que, segundo Stoer et al. (2004), evidencia a inclusão social desse grupo de mulheres (ALVES; MORAES 2009, p. 44)

Em nossa sociedade há mais estilos de dança com hegemonia feminina, ou, há mais a ligação que a dança é feminina, por isso o maior preconceito com os homens quando dizem “faço dança”; por isso a importância do gênero masculino estudado aqui neste trabalho, como mostram as afirmações de Bregolato: “Muitas vezes os meninos não querem participar das aulas de dança, por terem em mente que a dança os deixam afeminados, pois que a graciosidade uma característica só das mulheres” (BREGOLATO apud CAPRI, 2009). E Hanna: “A cultura ocidental, geralmente associou o homem que dança profissionalmente com a efeminação e homossexualidade” (HANNA apud CAPRI, 2009,).

Mas, na verdade, podemos ver que,

Todo movimento corporal é distinto para os dois sexos, e muitos movimentos e posturas são socialmente impostos para um e para o outro sexo, as noções de feminilidade e masculinidade são construções sociais desde o nascimento da criança. (LOURO, HANNA apud CAPRI, 2009)

É preciso que as pessoas deixem o preconceito de lado. Veremos, nas as entrevistas relatadas parcialmente neste capítulo que outros profissionais derrubaram essa barreira diante da sociedade e homens se tornaram grandes bailarinos clássicos apesar de barreiras familiares. O filme Billy Eliott é um dos maiores exemplos desta superação.

É claro que não é fácil entender que “as práticas artísticas constituem-se em um espaço nos qual é concedido ao homem a oportunidade de liberar-se das suas dores e frustrações” (...) “é dessa forma, então, sob um descontrolo controlado das emoções que o homem encontra o espaço para re-inventar continuamente a vida, através do exercício de suas paixões, de seus sentimentos e da sua relação com o outro e consigo mesmo”. (VIEIRA, 2003, p. 12-13). Portanto, “Se as pessoas parecem sentir uma necessidade natural de expressar seus sentimentos através do movimento rítmico, nosso questionamento é por que a dança é uma prática ainda hoje vista no feminino?” (CAPRI, 2009). É importante fazer uma reflexão sobre

isso. Parece inaceitável ainda termos preconceito, o ideal era não sermos de maneira geral, contra qualquer tipo, pois “passa a ser uma questão de outra ordem: a indagação de como (e por que) determinadas características (físicas, psicológicas, sociais, etc.) são tomadas como definidoras de diferenças.” (LOURO, 2010, p. 46).

2.2 - As entrevistas

Como afirmamos na introdução tentaríamos entender o universo da dança sob a perspectiva masculina através de algumas entrevistas com professores bailarinos, que estivessem dispostos a conversar conosco. Infelizmente, não conseguimos entrevistar nenhum professor de Hip Hop ou Street Dance. Assim, as entrevistas (semi abertas) foram realizadas com um professor de jazz e contemporânea; um professor de balé clássico e, por fim, com um professor de dança de salão, uma das modalidades mais procuradas por adultos que desejam aprender dançar.

As entrevistas foram inseridas na íntegra para que o leitor pudesse ter uma idéia mais ampla que pensa cada um dos professores e, principalmente, como as diferentes modalidades interferem na relação entre dança e educação. Nas considerações finais, iremos analisar esta temática de forma mais apurada.

Professor de Jazz e Contemporânea:

- Como foi sua formação em relação à arte? Como a dança entrou na sua vida?

Comecei fazendo teatro, aos 15 anos de idade em Três Rios, eu sou nascido lá, sempre gostei dessa coisa de interpretação e fui desenvolvendo isso em 1997. No ano de 2000, eu vejo que o teatro – e hoje em dia eu percebo, trabalho com isso – está muito ligado com a dança, com o corpo, com a interpretação e com a expressão; aí eu senti a necessidade de deixar o corpo mais maleável, trabalhando o corpo com expressão corporal e facial. Eu entrei para fazer aula de dança, e há 10 anos atrás, menino fazendo aula de dança era uma coisa que ainda tinha um tabu e comecei onde morava mesmo. Então comecei fazendo Hip Hop e tal para chegar aonde queria. Só que a dona da academia onde eu comecei a fazer percebia que eu tinha um corpo legal para a dança, que tinha uma sensibilidade, aí comecei fazer Jazz, aí no final desse impasse entrei pro Balé e tava realizado! Deixei o Hip Hop pra traz. E também tem a questão da família né? Que falava muito, mas eu sempre falando que eu queria. Aí continuei no teatro

e dança, até então eu era aluno de teatro e de dança. Formou-se uma companhia de teatro e comecei a trabalhar nessa companhia por um acaso o diretor e professor falou assim: “vou montar uma peça, faz a maquiagem dessa peça?” o nome dele era Rodrigo Portela, aí eu falei: “Rodrigo eu nunca fiz uma maquiagem na minha vida, como você quer que eu faça uma maquiagem?” Aí ele falou: “você é sensível, você vai saber fazer, entra no clima do negócio”; aí foi assim que eu comecei e fiz, fiz desenhos foi muito legal a maquiagem, ganhei prêmio e tudo – amador – lá tem premiação, ganhei premio e tudo. Fiz, ainda em Três Rios, uma audição para entrar numa companhia de dança, passei e comecei a dançar na companhia e continuei trabalhar com teatro, interpretando, fazendo maquiagem, fazendo uma iluminação, uma sonoplastia, porque até aí o professor Rodrigo já tinha me ensinado a mexer na luz, a montar uma luz, figurino, cenário, montar uma iluminação e criar, tudo dentro da questão da sensibilidade e comecei a levar isso tudo para a dança. Eu era apenas bailarino, aos poucos fui sendo mais ousado dentro da companhia de dança: “ah, vamos colocar mais encenação nessa parte, vamos fazer uma coisa mais encenada, uma expressão”; aí foi dando certo. Surgiu lá em Três Rios, o Rodrigo levou uns cursos de circo, aí eu fiz. Depois comecei a dar aula, quer dizer, a montar umas peças lá, alguns trabalhos que (esse professor) não podia fazer, ele me indicava, aí comecei a trabalhar com o teatro assim e na dança também, me indicavam para dar aula e fui dando assim, comecei substituindo pessoas, até que eu criei em Três Rios uma companhia, um grupo, que era exatamente essa mistura que até hoje faço essa pesquisa, a união do teatro com a dança, porque acho que não tem uma separação; porque eu não sei qual é essa diferença, aliás, com o corpo, trabalho com o corpo. Desde 2000, quando comecei a dançar, minha turma aos poucos veio para o Rio de Janeiro, e, na maioria, eles tinham uma condição de vida legalzinha, o mais pobrezinho era eu e da minha turma o último a vir foi eu. (E eu tive que ir) porque teve um momento que ficou pequeno, eu queria ampliar meu trabalho. Como eu tinha alguns amigos aqui, mas eles se encaminharam, aí conhecia uma amiga que trabalhava aqui na Meia Ponta¹⁰ e comecei na turma dela para dar uma aumentada na turma e tal. Aí comecei nesse lance, aos poucos. Não tenho uma formação acadêmica de faculdade, universidade em teatro ou em dança, tem tenho experiência e vivência. Aí comecei dando aulas: “ah, dá uma aula pra mim”, da mesma forma que comecei lá. Foi assim que cheguei aqui, aí comecei a fazer cursos também, sempre gostei de fazer cursos, nunca parei. Sempre investindo, na realidade, em alguns, porque a maioria são muito caros, aí não tenho possibilidade de fazer. Pretendo agora fazer faculdade de dança e teatro porque está

¹⁰ Escola de dança onde trabalha.

inseparável, quando alguém pergunta: “você é ator ou bailarino?” sou corpo e forma; sou o que o tempo determina.

- Atualmente você não tem outra atividade profissional?

Não, atualmente, nesse ano de 2010 escolhi só trabalhar com a arte. Até ano passado trabalhei com telemarketing, mas agora só quero arte, porque aí eu me dedico, e sofria muito, acordando cedo. Eu falava: “gente um artista trabalhando na tecnologia”, aí eu saía cansado e não tinha força e ânimo para trabalhar com a dança. Aí resolvi ficar integralmente.

- Como foi sua lembrança da sua primeira aula?

Foi com uma turma de crianças meninas para dar aula de Balé, substituindo uma professora com alunos de 7, 8 anos. Aí eu falei: “caramba, é agora, elas estão comigo”. Eu não trato criança como criança, eu trato como uma pessoa, aí tinha a hora de falar sério e a hora da brincadeira, aí a minha primeira aula foi assim. “eu tenho que ensinar elas e elas tem que sair daqui satisfeitas”; dei aula para elas o ano inteiro e no final do ano as mães ficaram maravilhadas, falando, elas falaram comigo, aí conheci todas as mães, e também é muito difícil um homem dar aula para meninas, aí eu tinha todo um cuidado para dar aulas, conversar, fazer exercício, uma atenção. Questão toda de respeito para com as alunas e para com as mães.

- E com relação ao processo educacional, você via que a dança interferia?

Com certeza. Quando eu conversava com as mães, elas falavam: “minha filha tá diferente, mais tranqüila, mais calma...” e eu brincava: “ela gasta toda energia na aula de Balé” – que eu gosto de fazer uma aula mais puxada (os exercícios) e no final relaxa e quando é criança deixo um momento livre (no final). E nesse momento livre botava fantasia, distraía, elas pulavam, ficavam mais soltas, saíam de lá mesmo cansadas, as mães falavam que ajudava muito, com isso chegavam em casa mais cansadas e dormiam e no dia seguinte ficavam mais dispostas, estudavam. Tinha também aquela coisa de ter que estudar para fazer aula de Balé, e, nesse caso, a própria escola que elas estudavam que abria essa aula de Balé; então era tudo ali dentro, já tinha tudo nas mãos.

- E esse processo nas outras turmas mais atuais?

Eu gosto muito, particularmente, de trabalhar com adolescente e adulto. Falam que adolescente faz pirraça, mas comigo eu seguro a régua. Porque eu vejo mais a minha linguagem, aquela coisa de teatro com a dança, e mais a coisa entrando no corpo deles, desenvolvendo mais, nessa faixa etária.

- Você desenvolveu alguma coisa própria para isso?

Própria não, sempre trabalho em cima de alguns teóricos, alguns de dança e outros de teatro, junto, misturo e crio minha própria linguagem, mas não desenvolvi minha própria teoria.

- Como você vê a disciplina na sua sala? Como trabalha com isso? E a disciplina, como é que funciona?

Nunca tive um grande problema.

- Já teve algum aluno que você pensou “desisto”?

Já tive um aluno que começou a criar um monte de história com a gerência e eu mostrei para ele quem é aluno e quem é o professor; porque dentro de sala eu crio um círculo de amizade, esse (aluno) específico criou um clima, quis criar história para a gerência, mas aí toda a turma teve que ouvir. Mas continuei (a amizade) com todos os alunos, a mesma coisa que sempre fui e com esse aluno parei, era professor e ponto.

Professor de Balé Clássico:

- Como foi seu contato com a dança?

Desde criança não tinha nenhum interesse em dançar, até porque era muito tímido, não dançava nada, nada. Joguei bola desde criança e com uns 14, 15 anos cansei de jogar bola; tava estudando e só, e um dia numa viagem com um colégio a gente viu um casal dançando Tango e eles falaram que davam aula de graça para um projeto a 2 quartos da minha casa, todos os sábados, aí comecei 1 vez por semana, comecei aprender tango do zero, eles falaram

que iam ensinar do zero. Aí comecei – poxa, sou Argentino, pelo menos saber dançar Tango – isso lá em Rosário, na Argentina. Comecei a me interessar e dançar 1 vez por semana. Aí depois eles davam aula às quartas-feiras, às vezes escapava do colégio um pouco antes para chegar na aula e comecei 2 vezes por semana, aí foi aumentando; achei outro lugar que era as terças e quintas-feiras, achei outro lugar que tinha sexta, e assim foi preenchendo todos os dias da semana até domingo também. Todos os dias da semana menos segunda que não tinha aula em nenhum lugar; aí tinha baile. Assim comecei.

Comecei a procurar meninas que queriam ser parceira para dançar. Teve uma menina num baile de tango e ela me escolheu aí aprendi muito tango com ela, aí começou e depois uma amiga dela, que foi minha namorada (posteriormente), e dançamos muito tempo juntos e através dela me interessei pelo Balé. Foi muito cômico minha entrada no Balé, porque fui buscar ela num ensaio um dia e eu estava esperando na platéia, estavam começando a ensaiar o “Lago dos Cisnes” aí juntaram um pessoal de Teatro com Balé. Aí tava sentado na platéia, e a professora saiu e falou: “você que é o namorado da tal?” aí eu disse que sim, aí ela: “você sabe ficar parado no palco?” eu disse: “se você quer um poste, trago um poste pra você.” “ah, então tá; se você sabe ficar parado você tá dentro.” pô, pera aí – Até uns sei meses atrás minha namorada falou: “porque você não faz balé, vai te ajudar muito!” aí eu “não.. Balé... aquela coisa de v. e tal.” – me mandaram para o pessoal do teatro, porque o pessoal do balé dançava muito bem e o pessoal do teatro fazia uma parte mais calma, mais interpretação e um pouquinho de dança; nos ensaios, o pessoal do teatro sempre errava a entrada porque eles não tinham noção de dança; tinha uma fila imensa para entrar e eu era o 3º, eu sabia a hora de entrar, mas o cara da frente sempre entrava errado. Aí um dia o cara da frente faltou e o segundo ficou na frente e ele tava aterrorizado, com medo, virou e me perguntou: “cara, você sabe a hora de entrar?” e eu disse: “sei..” “então me fala porque eu não sei nada, eu sigo o outro.” – por isso que o cara entrava errado, porque o primeiro errava. – aí eu falei: “entra agora.” pra que? (falaram) “gente, vocês entraram certo, que maravilha, aí ele (o 2º) falou: “foi ele que me disse para entrar”, “ah é? Então você vai ficar na frente”. Aí comecei a puxar. Escolheram um dos meninos do teatro para fazer a parte dos caçadores, e tinha todo um tempo, para ajoelhar, para falar com o príncipe (que era do balé), e o cara conseguia errar todos os tempos; a minha namorada era do balé na época e eu fui em um ensaio deles, só do balé e não tinha ninguém para fazer o papel do caçador... e eu fiz, mas para brincar porque não tinha ninguém. Aí o professor disse: “po cara, você sabe todos os tempos, porque você não faz? O cara erra todas as vezes!”. Aí me botaram para fazer caçador também. Só que, detalhe: eu não tinha visto a roupa do caçador ainda, se eu tivesse visto eu não fazia, que era aquela malha, aí

eu falei: “gente que coisa horrível”. No dia da estréia veio um senhor e perguntou se eu fazia balé, e disse que não – ele já tinha visto alguns ensaios – aí ele disse: “cara, porque você não faz balé? Olha, faz três meses de balé, se você não gostar não tem nada a perder; pô, você tem porte e musicalidade.” Aí ele foi embora e veio minha namorada e perguntou: “o que ele te falou?” “ah, falou se eu queria fazer balé.” “mas você sabe quem é esse cara? esse cara trazia bailarino de Buenos Aires para minha cidade (e dizia) “vamos contratar esse cara que é bom”, aí isso também me deu um incentivo; e também quando vi os meninos dançando, fiquei louco: “é isso que quero”. aí quando terminou o espetáculo, todo mundo saiu para comer e eu “gente eu quero fazer o que eles fazem” e eu vi que os meninos que dançavam não eram gay. Falei “gente quero fazer o que eles fazem” aí todo mundo ficou olhando “po, maior preconceito; po mas você quer ser bailarino?” “não sei, quero fazer isso!” “po, mas você ta começando tarde” – tavá com 18 anos – “não quero saber”, isso era um sábado, na segunda tinha começado. aí começou, fiz uma turma de iniciante e uma outra de avançado para ir pegando pique aí a gente veio a um concurso aqui no Brasil e fomos premiados dançando tango e união clássica. Aí depois entrei numa escola de dança no Teatro Municipal, graças a Deus tive bons professores; a família me apoiou, no início foi meio assim com a família porque “o cara maior machão, assim preconceituoso com o balé, do nada, jogava bola – adoro jogar bola, até hoje jogo bola” a família apoiou e professora, tive oportunidade de vir para cá e vim. Morei no prédio de dois bons dançarinos, morei no prédio deles muito tempo, tive uma boa amizade com eles, e eles me ensinaram muito, lendo livros, vendo vídeos, contando histórias, tive graças a Deus muita vivência. Entrei na companhia brasileira de balé, fiquei 2 anos lá. Comecei a dar aula, como é que comecei a dar aula? Faltou 1 professora na escola onde eu to e não tinha ninguém para substituir, ninguém podia, me chamaram e perguntaram “você sabe dar aula para tal nível?” “sei.” No final da aula a diretora me ligou e falou: “olha, as meninas gostaram da sua aula, a próxima vez que alguém faltar vou te chamar porque a gente precisa de um professor substituto.” Cada vez que faltava alguém ela ia me chamando. Depois ela me deu uma turma para adultos, fui crescendo.

- Como foi sua reação com a primeira turma?

Eu não sei te explicar. Dar aula, é assim; tem muitas pessoas que são bons bailarinos, dançam muito bem. Mas uma coisa é você ser um bom bailarino, outra coisa é você ser um bom professor. Uma coisa é saber dançar, outra você conseguir passar, completamente diferente. Me dou bem com isso, não sei te explicar. Peguei a turma final de setembro de 2003/2004,

comecei ali e no outro ano começou mais gente, ai foi ali, ai fui começando. Ai outra coisa que encontrei que gosto muito de fazer é coreografar. Ai comecei a coreografar para a companhia a diretora viu que tinha jeito e me colocou para coreografar. Ai ela começou a gostar das coreografias e colocou para o pessoal competir. Ai comecei a me dar bem com isso e conhecido nas outras escolas.

- Trabalha só com a dança?

Hoje em dia trabalho em 3 escolas, só com dança, graças a Deus. Dou aula de tango particular, para mim é melhor pelo horário e gosto de tango, amo dançar; danço desde 16 anos, hoje ainda danço e gosto de dançar; e é uma coisa que consigo desfrutar muito de dançar, parece mais difícil de desfrutar... pode ser que sim mas o tango é muito especial para mim. Tenho em outra escola o básico 1, 2 e o intermediário e tenho 2 turmas de adulto. Aqui tenho 2 turmas, com vista de ter mais 1. Tem outra escola que tenho 2 turmas; e coreografando para competição em todas as escolas. Graças a Deus trabalhando muito.

Muita gente fala, "po cara você veio de lá sozinho passou por muita coisa." Passei por muita coisa, mas juro para você quando você faz algo que você gosta, quando quer alguma coisa, não tem nada que vai te cortar.

- O que é dança pra você?

O que que é? É a minha vida hoje, hoje em dia é minha vida. Me considero muito abençoado e sortudo também porque trabalho com o que amo fazer. Porque hoje em dia não é todo mundo que trabalha com o que gosta ou gostar do que faz.

- Para explorar um pouquinho o seu lado professor, como você vê a evolução de seus alunos no processo educacional, como você percebe isso?

Educação é complicado, as pessoas falam: "as meninas melhoraram." Eu não vejo isso porque eu sou muito critico. Só percebo quando faço a comparação. Coloco a minha com uma que começou agora, por exemplo.

- Mas você vê esse aprendizado na dança, mas assim em termos sociais, de interação, o aluno quando entra ou quando sai?

Nem tanto. Com a dança sim, eu tento, mas hoje em dia, o que que acontece, na época que eu fazia aula eu queria melhorar sempre, hoje em dia é 1 ou 2 de 15 que vem com aquela vontade de fazer aula, que ficam concentrado na aula.

- A disciplina é um problema?

Mudou muito, é difícil. Até você fazer com que eles se interessem pelo balé é difícil. Hoje em dia acho que tem muito gente que é mandada obrigada aqui pra fazer balé.

- Já teve algum aluno que falou “desisto”?

Não é desistir, sabe. O aluno desiste dele mesmo. Uma coisa que aprendi com minha professora Russa, você podia ter as condições físicas do mundo, mas se não te interessa fazer a aula ela não dava bola pra você, ignorava ela só corrigia e insistia para quem você via que tava a fim de fazer aula. Hoje em dia, no início do ano mesmo que eu entro na sala e o pessoal não ta a fim de fazer nada: “não vamos fazer nada não...”; “gente como assim, vocês vêm pro balé para não fazer nada?”

- Tem algum método? Ou teu?

Eu comparo as épocas. Antigamente era mais rígido ainda. O pessoal ia pra aula porque tava a fim de aprender, podia ta um dia ou outro cansado, mas tinha o respeito. E quando você quer ensinar a disciplina para alguém os pais não deixam; final do ano, por exemplo, paga o figurino, paga não sei o que, e você faz a coreografia e a pessoal falta, falta, falta, e você diz: “não pode faltar” aí você é obrigado a escutar “to pagando”; na minha época nos matávamos para tentar conseguir roupa.

- Então você não acredita que a dança interfere no processo educacional?

Interfere sim, mas quando a pessoa quer. Depende da pessoa; mesmo com a técnica do balé: eu posso explicar para você milhões de vezes como você tem que fazer da cabeça aos pés,

mas se não parte de você a vontade de querer fazer cada vez melhor, não adianta você não vai melhorar. Você pode ter o melhor professor do mundo na sua frente, mas se você não ta afim de fazer direito, você nunca vai fazer, é o que eu acho. Não é desistir de alguém, você pode insistir, pode ser que o aluno vai indo. Se ele não quer não vai adiantar. se ele quer, as coisas começam a acontecer.

- Já aconteceu de pegar algum aluno muito indisciplinado e no final melhorar?

Sim, já. Até menina muito indisciplinada, muito de reclamar, de concentração, de responder. Fiquei 2 anos dando aula para ela e passou para outro professor, virou outra pessoa. Nesse aspecto a dança interferiu, mas ela quis. Eu comecei muito velho, consegui, cheguei, mas por quê? Porque me matava. Na época que fazia aula trabalhava de frentista, 8hr rotativo. Trabalhava e ia para o estúdio. Antigamente às vezes almoçava no ônibus, muito corrido. E meu professor obviamente ficava em cima, mas porque eu queria melhorar. Podia insistir, mas com aquela pressão. Queria melhorar, cada um sabe seus limites, mas hoje em dia se peço para repetir 1 vez já reclamam, na minha época repetia 20 vezes. Estão muito preguiçosos.

Professor de Dança de Salão:

- Qual sua formação e como a dança entrou em sua vida?

Minha formação é em técnico em redes de dados e elétrica. Meu primeiro contato com a dança foi através de meu pai que já dançava, mas apenas socialmente no interior da Bahia, onde morava. Depois fui para São Paulo e depois para o Rio de Janeiro, com mais ou menos 25 anos foi quando vi, no Largo do Machado, um casal dançando, a mulher é uma dançarina famosa, Renata Peçanha. Gostei da apresentação e fui fazer uma aula experimental, e, de repente, uma senhora me perguntou se realmente queria aprender a dançar, disse que sim, e ela perguntou se queria fazer aula em uma escola de dança renomada no Rio de Janeiro. Comecei nessa escola de dança como Temporário – era para ver se é isso mesmo que a pessoa quer – No dia 5 de fevereiro de 1999 e depois virei Bolsista para mais tarde ser Assistente de Professor.

- Não tentou ser professor nessa escola?

Antigamente a concorrência era muito maior, hoje em dia tem muita academia, a concorrência diminui. Para ter oportunidade era muito difícil, 100 disputando uma vaga (para professor), e, além disso, não queria ser dependente, sempre quis ter o meu. Mas lá é ótimo, tem ótimos profissionais, tanto que fiquei nessa escola 10 anos, era uma “faculdade de dança”, lá a gente aprende tudo de corpo e de dança.

- Na época você trabalhava?

Na época eu tinha um outro emprego e me mandaram embora.

- Por causa da dança?

Sim e não, (risos). Mandaram porque eles queriam que eu voltasse para São Paulo ou me demitiam, aí eu preferi ser dispensado e continuar na dança (na época estava nesta escola de dança). Aí como eu não estava mais trabalhando fui para outra escola de dança e fiquei nas duas escolas.

- É como que foi depois? Como surgiu a ideia de abrir uma escola de dança? Como foi esse processo?

Bom, aí me desliguei da primeira escola, em 2009, mas continuei nessa segunda escola e comecei a pesquisar nas ruas, e com o curso no SEBRAE, peguei vários macetes de como as pessoas gostavam da sua academia de dança, quais as qualidades e defeitos. Coloquei 2 meninos durante 2 semanas nas ruas pegando informações do que as pessoas achavam das academias, pontos negativos e positivos. Enquanto isso fui procurando locais onde poderia abrir um espaço para dar aulas de dança, fiquei 6 meses procurando, achei esse espaço e transformei esse apartamento comercial em sala de dança para que pudesse dar aulas neste salão e morar aqui dentro. Não foi fácil, porque tive que destruir toda a estrutura anterior e fazer uma nova, tive que chamar arquitetos e imaginar como ficaria, perguntar para ele se era possível, foi difícil. A academia ficou pronta em 23 de dezembro de 2009 e comecei a dar aulas a partir de 7 de janeiro de 2010, minha mãe veio para a inauguração e tudo (a mãe dele é da Bahia).

- Como é a questão do preconceito na dança?

Bom, da pra perceber uma diferença, é que o preconceito no interior é muito pior, as pessoas ligam a pessoa que dança com vagabundo, e que rebolar é coisa de v. Aqui no Rio também tem preconceito, as pessoas que moravam comigo (dividia apartamento) ficavam me zuando e tal. Por exemplo, eu tenho um aluno que faz luta livre e não gosta de rebolar. Mas não entendo: um fica com a cara na b...do outro e não é coisa de gay, e dança é coisa de gay?. Mas a questão do preconceito, em minha opinião é que o homem tem medo da mulher, e ele é inferior a mulher. As mulheres dominam o mundo porque tem atitudes nas coisas. Eu acho que preconceito em relação a ser gay é mais no Balé; já na Dança de Salão não há o preconceito de ser gay, e sim de ser homem. Se um homem assovia para a mulher na rua e a mulher continua andando tudo bem, agora quando um cara assoviar para você volta e pergunta o que ele quer? Ele vai morrer, a mulher tem poder. Acho também que o Balé é a melhor dança, pois é a base para tudo. Se você faz o Balé, aprende qualquer dança com muito mais facilidade do que qualquer outra pessoa que não faça/fez.

- Como é a Dança de Salão? Ela é a melhor dança pra você?

Eu gosto muito de Dança de Salão, mas na verdade, se você tiver o Balé tem base para qualquer dança. Aprende toda estrutura e maleabilidade para as outras danças, é mais fácil de “pegar” a outra dança. Para a Dança de Salão existem 2 segredos:

- 1 – Equilíbrio, que é necessário para praticamente todas as danças;
- 2 – Compatibilidade entre os dançarinos, neste caso, é muito importante que haja uma química. Não adianta nada eu dançar com uma das maiores bailarinas, por exemplo, Bianca Gonzales se não houver química; química em relação com a dança. Química com namorada é uma coisa, com dançarina é outra, é profissional; e não temos com todas, sempre tem uma ou algumas que tem mais química na dança com você do que outras.

- Faz algum aprimoramento para a dança? Vive só com a dança? Como é isso?

Hoje faço alguns cursos de férias para professor nessa primeira casa de dança que trabalhei para aprimorar e atualizar os meus conhecimentos. Sim, vivo só com a dança. Viver só com a dança é bom porque está vivendo com o que gosta, mas não é uma coisa certa; um mês pode ter vários alunos e no outro não. Quando a pessoa está precisando cortar algo do seu financiamento é a dança que vai cortar.

- Mas por quê? Acha que a dança é desvalorizada?

Acredito que a dança é valorizada, mas poderia ser mais. Na verdade, o interesse é a base de tudo. É melhor ser esforçado e não ser bom do que não se esforçar e ser bom. Tem que ter o interesse para ter o sucesso. Todas as pessoas que estão na dança, que estão se dando bem, vieram de baixo. Eu não passava fome, mas não tinha supérfluo, passei por isso e hoje tenho uma academia! Acho que se você quer tem que se esforçar e não olhar supérfluo para poder pensar mais alto. Não se deve acompanhar o modismo. Não foi fácil ter o que tenho, passei muita dificuldade.

- Como administra a academia?

Tenho um projeto para expandir, vou dar um curso de férias, já está pronta a planilha de aula para ano que vem, tenho uma festa marcada para outubro; se vai da certo ou não, eu não sei, mas a gente tem que tentar né? (risos). Tem que ter uma administração, alguns não pensam no amanhã. Aqui não é uma academia de dança, é uma empresa. A dança aqui é produto, lá fora é diversão, e as pessoas vêm diferente. Quando eu pratico é dança, quando eu vendo é produto, as pessoas não sabem diferenciar isso, é necessário uma organização e esforço. Comecei fazendo festa para 100 pessoas e depois subiu para 1000 pessoas. E o pessoal da Dança de Salão não tem projeto.

- Qual o seu método?

Meu método é o da escola que aprendi a dançar por 10 anos, porque gosto e acho importante ensinar o que aprendeu lá, porém não penso igual ao método que aprendi, adapto o método de uma maneira que fica bom para eu ensinar.

- Como é a relação com os alunos? Como você vê a dança em relação ao social deles? E na escola?

Depende da escola de dança, aqui eu cobro tudo se tem boas notas, dos bolsistas, para continuar sendo é necessário além do interesse e esforço, estar indo bem na escola. Converso muito com os pais deles para ver se está indo. Em geral, as pessoas mudam sim no sentido

social. Exemplo: tive uma senhora muito depressiva quando chegou, o marido havia falecido e tudo mais, hoje ela se diverte e está muito feliz; também tive um menino muito envergonhado e introspectivo, e ele deixou de ser e etc.

- Para você, qual a importância da dança para os alunos?

Além dos bem não sei que faz para cada um no sentido social do aluno, evita os maus que tem por ai, por exemplo: a internet. O aluno chega da rua (da escola, da natação, por exemplo) e entra na internet e fica. Porque não fazer uma coisa que faz bem ao invés de fazer uma coisa que faz mal? Porque ai o aluno vem pra dança e modifica o social. Sobre o social, depende de cada um; pode somar em relação ao social, a disciplina / indisciplina. Nunca tive um aluno que desisti dele.

Capítulo III - As análises das entrevistas e a ligação com a educação.

3.1 - As análises das entrevistas.

Será feita uma pequena análise das entrevistas relacionando-as com alguns teóricos e sobre as questões mais discutidas por eles.

3.1.1 - Sobre a importância de dançar.

Para perceberem a importância da dança na vida dos alunos, deu para notar que é necessário que haja uma interação do professor com alguém da família dos alunos. Como o 1º e 2º professor entrevistados trabalham em geral com crianças para saber se a dança interferia no meio social de cada um, é necessário conversar com os pais ou ouvirem os elogios dos mesmos sobre a diferença de antes e depois. Já no caso do 3º entrevistado, que trabalha com crianças e com adultos, também percebe a diferença pelos pais, e no caso dos adultos, consegue observar mais clara essa diferença, pois tem um maior contato com os próprios. Como ele também é o dono da própria academia pode admitir bolsistas que, em sua maioria, são adolescentes. E como condição para continuarem frequentando é necessário estarem bem na escola (o mesmo caso do professor de jazz, mas quem administra isso são seus pais). Assim, há uma espécie de relação indireta entre a educação e a dança. Mas, ao que parece, nestes casos, a dança é vista como uma recompensa por o aluno ter um bom rendimento na escola e não como parte indissociável da formação.

No que se refere ao comportamento e disciplina, há uma unanimidade, pois todos acreditam que a dança muda no sentido social e na disciplina. Inclusive, esta foi uma questão bem marcada, principalmente pelo 2º e 3º professor; dizendo que, além de verem mudança nas disciplinas do aluno, que o aluno só pode ser bom se ele quiser, é necessário ter vontade de aprender, assim pode melhorar, mas é fundamental ter vontade própria e interesse. Pois se a pessoa estiver sem vontade e for para a aula de dança obrigada, ela vai e não busca algo maior, ela vai “sem nada de interior. E isso não é dança: é ginástica” (VIANNA, 2005, p. 44).

Para o bailarino Klaus Vianna, o ato de dançar é maior que a disciplina tão necessária para que se adquira a técnica.

Em suas palavras: “quero que exista emoção e intenção dos gestos, não me importa a forma, pois o trabalho corporal tem uma dimensão terapêutica na medida em que toma o

corpo como referência direta de nossa existência mais profunda”. (VIANNA, 2005, p. 63-70 citado livremente)

3.1.2 - Sobre Gênero.

Os três profissionais começaram “tarde” suas atividades na dança em relação às mulheres que geralmente começam mais cedo, talvez pelo incentivo dado à elas por parte dos familiares. “Diferentemente das mulheres, o contexto e o meio social não estimula a prática da dança para os homens mais cedo. Pelo contrário, a inibe.” (ANDREOLI, 2010, p. 166)

Pode-se perceber claramente que a questão do preconceito é evidente em todas as modalidades de dança, mas principalmente nas modalidades de Jazz e Balé, inclusive o próprio professor de Dança de Salão admite que o mais preconceito é das pessoas para com o Balé, pois a ligação com o feminino é maior, e, “O Brasil está acostumado com a própria intolerância. Perseguir minorias, aqui, faz parte da regra do jogo” (VIANNA, 2005, p. 61).

Sobre esta parte do preconceito podemos analisar de duas maneiras:

- 1) É necessário quebrar uma barreira individual, como foi o caso do 1º e 2º professor:

Vimos, nas palavras do primeiro entrevistado, que o profissional via a necessidade de dançar, e pelo tabu existente começou sua ligação com a dança através do Hip Hop, que é mais aceito como dança para os homens; e o segundo entrevistado, que dançava Tango sem nenhum preconceito, mas para, ter a vontade de aprender Balé, teve que inicialmente, achar muito bonita a dança e sentir encantado por ela, depois ter sido elogiado por um grande nome no Balé e por último e talvez principal, ter visto que os homens que dançavam não eram gays.

Entra aí uma questão cultural: o homem não é treinado para ser submisso, como nossa sociedade impõe às mulheres. Por isso reage, não se sujeita a ser xingado, humilhado, diminuído numa sala de aula ou num ensaio. O homem não aceita essa situação, o que talvez explique a quantidade muito maior de mulheres no balé. (VIANNA, 2005, p. 36-37)

- 2) A questão da família:

Nesses dois primeiros casos, a família teve que deixar de ser preconceituosa, e/ou falaram deles mesmos serem preconceituosos e agora se dedicariam à dança. Já no terceiro

caso que, alguém da família já dançava, não houve preconceito por parte da família, mas sim da cidade onde morava que era no interior e, conforme afirmado pelo mesmo o preconceito é maior, e pelos amigos onde dividiam o apartamento.

Apesar de tudo, os três profissionais, ao gostarem da dança e verem sua importância, tiveram que ter personalidade para dizerem o que querem e continuar com isso e terem apoio de profissionais, familiares e amigos. Pois é difícil quebrar a barreira do preconceito, principalmente com muitos meios instigando e, se a pessoa nasceu dentro deste paradigma, é muito difícil desconstruir. “Porque, ainda que difícil, é possível modificar um corpo. Mas mudar a mentalidade de um adulto é um trabalho quase impossível” (VIANNA, 2005, p. 44).

3.1.3 - Sobre o profissional.

- Outra atividade profissional:

Os professores entrevistados atualmente se dedicam à dança, porém os mesmos já tiveram outras atividades para ajudar no sustento, pois a dança aqui (no Brasil) não é muito valorizada no sentido financeiro (de se sustentarem trabalhando apenas nisso) – a dança não, a arte. E por terem conseguido viver trabalhando só com a dança, todos se sentem bem por só trabalharem com o que gostam. E isso é importante, pois poderão se dedicar só à arte e é importante essa dedicação para que possa estar investindo nela cada vez mais.

É preciso que vivencie muitas e muitas vezes um movimento. Não adianta entendê-lo, racionalizar cada gesto – é preciso repetir e repetir, porque é nessa competição, consciente e sensível, que o gesto amadurece e passa a ser meu. A partir daí temos a capacidade de criar movimentos próprios e cheios de individualidade e beleza. (VIANNA, 2005, p. 73)

- Método:

Cada um trabalha da sua forma, visto que a dança não é igual para ninguém, cada um tem um movimento diferente, uma linguagem própria. Podem pegar referenciais teóricos ou lembrar de alguma aula, mas no fim, vai sair sua própria dança. “O resultado é que não existe. O que existe é o meu trabalho. E minhas aulas não são para meus alunos: são para mim.” (VIANNA, 2005, p. 26).

Colocam também a questão de que ser bom bailarino é diferente de ser bom professor, pois “a docência exige dotes naturais, vocação e dedicação, além da capacitação adquirida por meio de uma carreira e larga prática” (OSSONA, 1988, p. 24). Ser professor tem que saber ensinar, “o professor tira de dentro do aluno o que ele tem para dar” (VIANNA, 2005, p. 34).

Outra questão importante para a formação foi terem tido bons professores e terem tido persistência para continuarem. Ter bons professores é uma maneira de marcar a dança, e se gostarem para continuar. “As alunas tinham sido profundamente marcada por seus professores de dança e que seu aprendizado havia dependido de como a relação professor-aluno havia sido estabelecida” (MARQUES, 2010, p. 92). Ou seja, se tivessem tido um péssimo profissional, talvez a dança marcasse de maneira negativa e desistissem.

- Aprimoramento:

Fazem cursos extras para aperfeiçoarem suas profissões e, apesar de não terem algum diploma na área, têm vivência e experiência, que não pode ser desconsiderado. “Meu processo na dança é muito particular, baseado em minhas vivências.” (VIANNA, 2005, p. 55)

3.2 - A relação com a educação

3.2.1 - Sobre a importância de dançar

Quando dançamos, movimentamos nosso corpo. Podemos conectar a mente à nossa alma; a nossa emoção ao sentimento; que não é fácil, através desses 3 aspectos: “dançar”, “movimentar”, e o “corpo”.

É difícil vivenciar com intensidade nossas emoções e sentimentos mais profundos. (...). Quando trabalhamos o corpo é que percebemos melhor esses pequenos espaços internos, que passam a se manifestar por meio da dilatação. Só então esses espaços respiram. (VIANNA, 2005, p. 70)

A instituição escolar deve abdicar do que vem vivendo desde que foi criada: a dança como acessório. A dança já foi incluída nos PCNs¹¹, portanto oficialmente reconhecida.

Mas, basta “ter” dança nas escolas? Um repertório bem ensaiado de alguma dança popular cumpre o papel artístico e educativo da dança na escola? Ou a dança na escola tem como compromisso social ampliar o escopo, a visão e as vivências corporais do aluno em sociedade a ponto de torná-lo um sujeito *criador-pensante* de posse de uma linguagem artística transformadora? (...) é necessário nesse momento pensarmos em metodologias que permitam problematizar, articular, criticar e transformar as relações entre a dança, o ensino e a sociedade. (MARQUES, 2010, p. 101-102)

E isso pode ser feito através de sua importância. Se todos tiverem consciência e praticá-la, é mais fácil existir o contato com a dança e parar de negar a importância do corpo.

¹¹ Parâmetros Curriculares Nacionais – em 1997 (Marques, p. 101)

O trabalho de educação não convive com a liberdade de movimentos de corpo-espírito, porque, no mundo ocidental, a infância é um tempo de preparação para a vida adulta, cujo sentido é a inserção num modo de produção capitalista urbano industrial. Isso exige mecanismos de controle. (TIRIBA, 2008, p. 49)

Deve existir uma mudança em relação a isso porque se a criança tem liberdade para se expressar, e dentro da escola é reprimida é porque tem algo de errado. E, se ela não tem liberdade de se expressar dentro e nem fora da escola seria uma coisa horrível. A escola não deve proibir, pelo contrário, deve incentivar essa liberdade de expressão corporal, pois

Quando a escola nega a expressão corporal do indivíduo, esta instituição está negando a própria criança, pois o sujeito é aquilo que seu corpo é, ou seja, as emoções, os movimentos, a razão... É impossível separar o movimento das outras habilidades, pois somos um corpo uno. (...) A educação deve assumir a criança em seu aspecto cognitivo, emocional, social e corporal. (VAZ apud GUEDES, 2008, p. 61)

É importante também que a instituição escolar dê valor a dança e ao movimento para as crianças, e não as reprima, para que não se tornem adultos reprimidos. Só assim as crianças serão realmente felizes e terão melhores meios de explorarem a si próprio. Há várias maneiras de explorar a dança na escola; neste trabalho a dança é vista como processo de auto conhecimento.

3.2.2 - Sobre o Gênero

A sociedade impões o que é ser homem e o que é ser mulher dentro dela.

As transformações corporais do adolescente vêm constantemente atreladas às expectativas sociais em relação à “tornar-se homem/mulher”. As danças que a sociedade / os alunos se permitem ou não experimentar também. Por exemplo, experimentar as possibilidades de movimento da articulação coxofemoral (quadril) – o rebolado – pode ser uma afronta e um motivo de vergonha para os rapazes que associam esse movimento à feminilidade que não podem / querem assumir nessa faixa etária. (MARQUES, 2010, p. 54)

Sim, é claro que os homens e mulheres são diferentes biologicamente e isso é reforçado com o gênero masculino e feminino dentro da sociedade. É preciso saber separar a diferença biológica, mas sem inferiorizar um ou outro. Também não se deixar influenciar com a separação que está cada vez com mais evidência principalmente através da mídia. A Instituição Escolar é ideal nesse processo para que comece e “trabalhar os conteúdos de dança na escola, é uma das estratégias que se indica para quebrar o paradigma de que homem que é

homem joga futebol e que mulheres usam cor rosa, praticam dança e choram!” (CAPRI, 2009). Ela é um importante meio para que os esteriótipos criados sejam diminuídos, ou até mesmo, neutralizados, já que “as aulas de dança podem apreciar, questionar, contextualizar e desvelar mensagens e interpretações sobre a sexualidade e a dança para que os valores não sejam incorporados ingenuamente”. E que, as questões de gênero na escola, sejam levadas para o lado oposto do que a sociedade vem levando.

Considerações Finais

Em nossa sociedade, a importante ligação entre corpo, mente e alma não é valorizada, o que é valorizado é a mente e as coisas ligada à ela, e a quem tem poder dentro da sociedade.

É impossível escapar à impressão de que os seres humanos geralmente empregam critérios equivocados, de que ambicionam poder, sucesso e riqueza para si mesmos e os admiram nos outros enquanto *menosprezam os verdadeiros valores da vida*. No entanto, ao efetuar qualquer juízo geral desse tipo, corre-se o risco de esquecer a variedade do mundo humano e de sua vida psíquica. (FREUD, 2010, p. 41). – ênfase minha.

O movimento e o ato de dançar é um ato natural do ser humano que é controlado dentro da sociedade de acordo com o que o poder se beneficiará. Se o beneficiará o valor da mente, da competição, do emprego, irão controlar o do corpo, do movimento e seus valores.

Quando o som penetra em nossos ouvidos – falo do som harmônico musical, do som ideal para uma sala de aula – surge uma reação interna: esse som tem uma vibração e, ao captá-lo, nosso corpo gera movimento. É um princípio ingovernável que podemos aprender a domesticar. (VIANNA, 2005, p. 71)

É importante que todos aprendam a dançar, a movimentar-se, pois o ser humano está ligado com a natureza e os primórdios e se separou historicamente desse lado que une nosso corpo ao nosso espírito e alma pela cultura de nossa sociedade. É necessário resgatar esse lado que nos torna único.

Existe uma musculatura da emoção e os bailarinos, os atores e todos os seres humanos precisam conscientiza-se dela. Por que os animais na floresta não precisam de ginástica? Pegue um bicho desses e coloque entre quatro paredes: em três meses estará gordo, flácido, perdendo pêlos e doente. O mesmo acontece conosco se perdemos nossos impulsos, se deixamos nossos sentidos amortecidos, ignorando o mundo que nos cerca. (VIANNA, 2005, p. 72)

Um dos problemas em nossa sociedade em relação ao dançar é que este é visto como prática do gênero feminino, e na maioria das vezes e principalmente dependendo da modalidade, existe mais ou menos preconceito em relação ao homem diante da sociedade; e, a escola, não está fora dessa concepção, pois a “cultura escolar está longe de ser imparcial e reflete o modelo como as relações sociais do gênero são formadas, produzidas e configuradas socialmente” (CAPRI, 2009). Acredito que, trabalhar isso na instituição escolar é de grande importância para que ela haja diferente e seja imparcial em relação à gênero, pois assim sendo

é um ótimo começo para que o modo de pensar das pessoas mude aos poucos em relação à isso.

O decorrer do trabalho mostra a importância da dança para o ser humano e na questão educacional, através da literatura e das entrevistas; para isso é necessário que as pessoas tenham a mente mais aberta para que todos possam freqüentar a modalidade de dança que quiserem sem serem alvos de piada. Assim, para que todos aprendam a dançar, pois existe o movimento natural dentro de todos, é preciso que coloquemos em prática, pois “Os dois dias mais importantes da sua vida são o dia em que você nasceu e o dia em que você aprendeu a dançar.”¹²

Este trabalho teve por objetivo refletir sobre a importância da dança para que as pessoas tenham consciência da indissociabilidade entre corpo e mente. Como futura pedagoga, tentamos tornar o que era um aprendizado fora da universidade (sempre tive uma proximidade com a dança) algo que fizesse sentido na nossa vida profissional, ou seja, para que pudéssemos compreender melhor este universo de maneira a tentar diminuir os preconceitos que o cercam e passar esta idéia para os nossos futuros alunos. Acreditamos que, entendendo a si e sendo seres mais completos, podemos contribuir para um mundo melhor.

Ao que parece a associação entre dança e o universo feminino permanece como uma representação forte. Os homens como afirma Andreolli (2011 op. cit), ao se inserirem neste universo devem provar que são homens, ganhando posição de destaque e sendo bem sucedidos. Assim a associação entre a dança masculina e a homossexualidade permanece como um dado que talvez a educação possa contribuir para ser desfeito assim, como as mulheres de Niterói e outras que ousaram se inserir no HIP HOP, uma das poucas modalidades de dança onde vemos a hegemonia masculina.

¹² Disponível em <http://www.jaimearoxa.com.br/> último acesso em 13/12/11

Referências Bibliográficas:

ALVES A.; MORAES D. **Mulheres na dança do movimento Hip Hop: A construção do sujeito reflexivo a partir de uma nova pedagogia do gênero.** In: Revista do núcleo transdisciplinar de estudos de gênero – NUTEC. Niterói: Editora da UFF, 2009.

ANDREOLI, S G. **Representações de masculinidade na dança contemporânea.** In Revista Movimento UFRS (vol. 17 n.1 janeiro/março 2011 p. 159-175).

BADINTER, E. **Rumo Equivocado: o feminismo e alguns destinos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005

CAPRI, F. **Rompendo as barreiras do gênero masculino: prática da dança em aulas de Educação Física.** Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd136/rompendo-as-barreiras-do-genero-masculino.htm> (acesso em novembro de 2011)

CASTILLO, E. **Gênero.** Disponível em <http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php?page=G%C3%AAnero> (acesso em Setembro de 2011)

DUNCAN, I. **Minha Vida.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio.** ed. Especial. Curitiba: Editora Positivo, 2007.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura.** Rio de Janeiro: L&PM, 2010.

GARAUDY, Roger. **Dançar a vida.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980

LOURO, G.; NECKEL, J.; GOELLNER, S. (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade.** 5ª Ed. Petrópolis: Editora vozes, 2010.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

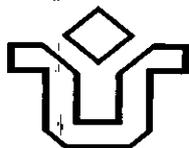
OSSONA, Paulina. [tradução: Noberto Abreu e Silva Neto], **A Educação pela dança.** São Paulo: Summus: 1988.

ROBIM, Michel. **A dança nossa de cada dia nos dai, hoje!** Rio de Janeiro: Espaço Curinga, 1998, mimeo.

TIRIBA; PENA, BÓGEA, BORGES; GUEDES. **O corpo na escola.** Disponível em <http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/181924Corponaescola.pdf> (acesso em março de 2011)

VIANNA, Klaus. **A Dança.** 4ª ed. São Paulo: Summus, 1998.

VIEIRA, Mariella. **Arte, artista e processo civilizador – um leitura da formação das tradições estéticas no Ocidente a partir de Norbert Elias.** In: V Simpósio em Filosofia e Ciência. Marília: UNESP Marília Publicações, 2003.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação – EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A): Luciana Carla Araujo Maciel / 20072351140

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: A questão de gênero não é só o feminino: Uma visão masculina sobre dança e educação

ORIENTADOR(A): Dra. Tânia Mara Tavares da Silva

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: TEDEZINHA ASSADA

Nota: 8,0

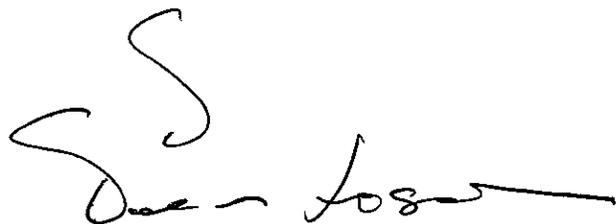
Considerações:

Uma pesquisa envolve a formulação de questões e hipóteses sobre um problema os quais serão confrontados com os dados coletados em campo, ratificando ou redimensionando essas primeiras formulações. A brevidade de elaboração de um trabalho de conclusões de curso nem sempre permite esse movimento reverso. Esse me parece o principal problema, mas também o potencial do trabalho apresentado, abrindo caminho para novas pesquisas. Pois, muito mais do que questões de gênero propriamente dita, o material coletado nas entrevistas apontam para outros aspectos do ensino de arte em geral que poderiam ter sido mais bem explorados no referencial teórico e análise dos dados, tais como: a formação do professor, a incorporação e remodelação de metodologias de ensino, os espaços formais e não-formais de educação, e, inclusive, os →

DATA: 19/12/2011

Assinatura: [Assinatura]

OS DIFERENTES VIESES DA QUESTAS DE GÊNERO DE ACORDO COM
AS DIVERSAS MODALIDADES E CONCEPÇÕES DE DANÇA ("ERUDITO",
DANÇA DE SALÃO, STREET DANCE, DANÇAS RITUALÍSTICAS, EXPRESSÃO
CORPORAL, ENTRE OUTRAS).

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'João José'.

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador:

Francisco Soares da Silva

Nota: 8,0 (sete)

Considerações:

A discente apresenta um bom feedback de coleta de dados, mas não fez uma análise aprofundada e superficial para orientadora nas questões pertinentes a relação entre gênero e classe que base estão na forma de construção dos papéis femininos e masculinos no ensino escolar.

Podemos ter sido melhor explorado também, a relação entre classe e educação

Data:

Assinatura:

Francisco Soares da Silva

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
8,0	7,0	7,5

Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 2011.

Francisco Soares da Silva

Prof. Orientador